

## O grupo de teatro 1968

**Paulo Eduardo contou, em 20/01/2004**

Dalton e eu éramos do grupo do Irmão Henrique, que formou uma turma diferente da nossa. Esse pessoal, na maioria, estava um ano na frente da gente. Não lembro bem porque o grupo dissolveu-se. Talvez por pressão das *forças reacionárias* que operam o esfacelamento do grupo desde a alta direção da nossa escola. Éramos subversivos. Tempinho bão de recordar.

Havia também um determinante do esfacelamento, que talvez tenha sido mais decisivo do que o outro: o teatro do Arqui funcionava como uma espécie de *drive in* para as galinhagens adolescentes com as meninas do Rosário. Rubian e Teóphilo comandavam o grupo. Levaram o Arutim para nos dirigir na peça famosa. "Por Todos os Séculos", que foi escrita por uma cara que não lembro o nome (**Donato Bastos**) mas que lembro que nos falava sobre ditadura e militares. Dalton foi protagonista. Eu tinha um pequeno papel no coro e fui autor, em parceria com o Ruy Quadros, de uma das músicas da peça. Disso, lembro de ter escrito:

Guerra é meio de viver  
Pra quem quer enriquecer...  
Liberdade vai chegar..  
E o amor triunfará.

Coisas assim. Ditadura e a guerra dos vietkongs e libido adolescente

Mario Enzo guardou muitos registros fotográficos dessa época. Recordamos isso tudo numa reunião com remanescentes do grupo na ocasião que o Collor era presidente e o Kandir entrou naquela roubada de ir trabalhar com a Zélia assaltante Cardoso.



**Pavão e Dalton, em foto que parece capa de disco...**

### **Dalton relembrou, em 07/06/2005**

o grupo de Teatro foi uma tremenda transformação em nossas vidas. Freud deve ter mesmo muito o que me fazer entender de meus anos no colégio, mas não deixaria por certo de dizer que o Teatro foi uma mescla de coisas.

Foi lá que nós (que nos esmurrávamos no recreio) descobrimos a sutileza da delicadeza do toque em uma mulher. Até o grupo de teatro, éramos gemas sem lapidação, grosseiros...uma mistura curiosa. Tínhamos berço, mas não tínhamos refinamento.

Depois, rapidamente, nos amaciamos. Todos. Para nós, foi no grupo de teatro.

Tivemos uma fase de querer ser Che Guevara, 24 horas por dia. Esta fase foi rápida e logo após tivemos outra, de ver e de ler entrelinhas no quinto latido do cachorro-preto lá na caçada, buscando um significado intrínseco de cunho de esquerda. Ou seria aquele um cachorro-preto de direita? Porque preto? Seria ele uma metáfora? Seria um cão-melância?

Eu era de esquerda, porque a minha, era a próxima, das gerações pós-64 que se ferraria. Mas não sabia muito além da Feira Paulista de Opinião, do Pasquim. Do meu amigo aqui do Rio que foi preso jogando bolinha de gude na cavalaria... Assisti a Feira duas vezes aí em São Paulo. Paulo Eduardo junto. Depois vi outra vez aqui no Rio. Descobri que a montagem aqui, era enfadonha, por paulista que se chamara, foi esvaziara. Fosse brasileira a feira, os cariocas (que dizem não ser bairristas), teriam-na adorado e adorado a *nudez-comunista* da Elizabeth Gasper (era ela, Paulo? Eu acho, sem certeza).



Grupo de Teatro: Maria Rachel (foi nesse dia, na volta da chácara, que a gente começou a namorar - ônibus da Viação Moema!!!!não era Bainfíca!), Reinaldo Leite (montado), Ferrari, Paulo Eduardo e Eu. Na varanda: Rubian e ?...